

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE - N.º 789

19 de Abril de 1920

20 cent.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
 Editor — ANTONIO MARIA LOPE

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguesas e Espanha:
 Trimestre 2\$60 ctv.
 Semestre 5\$00
 Ano 10\$00

Redacção, administração e oficinas: Rua do Sequeira, 43 — LISBOA



Depositaris para Portugal, Colonias e Brazil:

FAU & PALET L.^{DA}
 Rua Aurea, 101, 2.º, D. — LISBOA

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M.^{ME} BROUILLARD

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, e incomparavel em vaticínios, pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 7 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e \$500 reis

DOENTES

A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o **auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS**, especificos para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doencas de qualquer orgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinarias, respiratorias e circulatorias; hemorrhoidas, doencas da nutricao, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas **por graves e antigas que sejam**: assim o tenho afirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui pelas numerosas curas que tenho realizado.

Os que sotrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados **me responsabilizo**.
 Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio **Psico-magnetoterápico**. T. C. João Gonçalves, 20, 2.º E., ao Intendente.

CULTURA ESTETICA

A mulher consegue aperfeicoar-se como uma Venus, consultando MADAME CAMPOS Directora da

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 23

Telefone 3641

CONSULTAS GRATUITAS ENVIANDO ESTAMPILHA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	360.000\$00
Obrigações.....	288.630\$00
Fundos de reserva e amortização.....	360.000\$00
Escudos.....	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Maranala e Sobrelrinho (Tomar), Penedo e Casal de Herminio (Louza) Vale Maior (Abergaria-a-Velha), instaladas para uma produção anual de 6 milhões de quilos de papel e dispoño dos maquinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho, Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — **Escritorios e depositos**: LISBOA, 270, rua da Princeza, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — **Companhia Prado**. — N.º telet.: Lisboa, 005. Porto, 117.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 739

Lisboa, 19 de Abril de 1920

20 Centavos

CRONICA

FEMINISMO



Vemos, com jubilo, que as reclamações da mulher entram, finalmente, no bom caminho. Uma senhora de reconhecida autoridade literaria acaba de publicar um artigo em que se declara feminista, mas sem preterir para o belo sexo direitos iguaes aos dos homens; uma emancipação relativa, a consideração devida á intelligencia e ao bom proceder, a intervenção social em harmonia com os dotes femininos, em resumo, uma divisão de trabalho entre os dois sexos, no que cada um pode produzir sem invadir os dominios do outro, eis o que a escritora apregoa e defende.

Quanto á masculinização, que tantas vezes se tem confundido com o feminismo, repele-a, porque seria de tão ridiculo efeito como a efeminación da parte da humanidade a que a natureza concedeu especiais qualidades de força e de resistencia física. No final do artigo, a senhora a quem nos referimos compara os dois sexos e tira conclusões que justamente a envaldecem, a favor do seu; não as negamos, antes as aceitamos com aplauso, reconhecendo a nossa inferioridade sob muitos pontos de vista. Evidentemente, a maternidade é um título que merece o maximo respeito e que nos coloca em plano muito inferior, porque exige uma complexidade de requisitos de que nos julgamos inteiramente incapazes: confessamos que se nos arripiam os cabelos quando nos ocorre a idéa de que pudéssemos ser máis.

AS 8 HORAS

Entre as ultimas conquistas do operariado, a das 8 horas de trabalho foi talvez a que menos opposição encontrou, e, comtudo, não faltam argumentos em defesa da não limitação. Como pode estabelecer-se uma proporção rigorosa entre dois termos, tempo e trabalho, um dos quais apresenta milhares de variantes? Então, o trabalho d'uma hora não pode ser mais intenso ou mais proficuo do que o de muitas horas, pela diversidade de factores que o compõem ou influem no resultado final?

Agora, são os tripulantes dos navios mercantes, em certos paizes, que exigem a concessão das 8 horas. Mas se as condições do barco não permittem pessoal em quantidade sufficiente para o desdobramento em turnos, logo que cada homem tenha trabalhado as 8 horas estabelecidas, terão de cessar as manobras, entregando-se o barco ao capricho das aguas durante o forçado descanço?

O problema é de difficil solução, mas não impossivel, desde que não se pretenda encerrar em fórmulas imutaveis o que de sua natureza o não é. Enquanto, porém, não se resolve, não aconselhamos o leitor a que embarque em navios mercantes onde se respeite a lei das 8 horas, porque manifestamente corre o risco de ir para o fundo.

JULIO DANTAS



Um critico amavel e justo fez notar que o livro de Julio Dantas, «Como elas amam», ha dias posto á venda, aparece na occasião propria: na primavera. E', efectivamente, um livro perfumado, um canteiro cuidado amorosamente, porque só trata de mulheres e de mulheres d'alma delicada e misteriosa, como as corolas das flores; lê-se na doce embriaguez dos sentidos, que nos produz o contacto indefinido com o espirito feminino, todo sublleza e caprichos, agora aproximando-se em sedutoras promessas, logo immediatamente, fugindo em diabolicas esquivações. E, ao lê-lo, a admiração pelo autor subjuga-nos inteiramente, porque mal compreendemos como a pena melindrosa que desenha hoje o «Como elas amam», foi hontem a pena severa que evocou os grandiosos trechos da nossa historia, a que arranca o dó aos corações quando nos descreve o abandono de Lear, a que brinca os sainetes com a mesma facilidade com que traça vigorosamente o drama e a tragedia, a que, finalmente, trabalha sem cessar, para nos dar periodicamente maravilhas sobre maravilhas.

Chega-nos a noticia de que Julio Dantas está doente e de que a medicina o obriga a um repouso talvez demorado; é uma noticia que nos produz uma grande magoa, atenuada sómente pela certeza de que esse repouso vai contribuir para que o magifico poeta arquitete, na concentração a que o obrigam, novos prodigios de arte.

AUGUSTO GIL



Visita-nos tambem esta semana outro poeta de singular valor, o da «Canção das perdidas», o da «Alba plena», o do «Canto das cigarras», o de muitos outros primores em que o verso portuguez, particularmente a redondilha, aparece com a expressão da maxima pureza. O seu novo livro chama-se «O craveiro da janela» e compõe-se de cem deliciosas quadras, qual d'elas mais formosa, muitas ao modo popular e todas ao modo de Augusto Gil, que tem uma maneira propria e inconfundivel. Para que a «Cronica» deixe ao leitor a impressão agradável que a nossa prosa lhe não pode dar, transcrevemos em seguida algumas d'essas quadras:

*Não ha nunca amor perfeito
Sem tortura e sem cuidado,
Amar é ter Deus no peito,
Ouira vez crucificado.*

*Por eu ser pobre, sorrias
Da minha má condição,
Voam alto as cotovias
—E fazem ninho no chão...*

*Se eu fosse as pedras morenas
Lá da serra adonde estás,
As pedras seriam penas,
As penas que tu me dás...*

*D-scançaste a mão esguia
No pilar ao meu baldado,
Fosse eu pedra, amolecia,
Ficava o sinal da mão...*

(Ilustrações de Rocha Vieira)

ACACIO DE PAIVA.

ALGARVE: JARDIM DA EUROPA

POR
SOUZA COSTA

Boa estrada. Horizontes largos. Campos de trigo. Hortas de rendimento. Hortas e campos sempre circundados de amendoeiras e oliveiras, sempre providos de maciços de laranjeiras e pontuados de carcassas desfolhadas de figueiras — em volta das quaes se denunciam os cuidados que o lavrador do norte prodigaliza ás baceladas. E assim despidas, as pernas do fundo a tocarem o chão, pois o lavrador lhas aproveita todas, as figueiras são outras tantas aranhas gigantes, refasteladas no gôso daquêl bemdito sol de março.

A estrada era a de S. Braz de Alportel: Deixamo-la, porém, torcendo á direita, a enfiamos por uma outra, de via reduzida e espinha descarnada que á sombra de alfarrobaes e pela raiz de colinas se contorce e estende até á nacional de Faro — roçando antes de lá chegar St.^a Barbara de Néche, povoação sinha branca e comprida, comprida como centopeia e branca como ovo. Toda ela, ao buzinar do autovel, parece acudir á estrada para vêr o monstro. Não falta sequer a igreja, encostada á sentinela alerta da sua torre, ambas de cima a baixo enfarinhadas de cal. Também elas se plantam á beira do macadame a vêr quem passa, quem rouqueja, quem resfolega.

St.^a Barbara é o amago da região algarvia que o culto da casa tem por motivo externo, primordial, o culto da chaminé. Em todo esse rincão verdejante, em todas as casas poisadas á borda do caminho, em todas as que se aninham no aconchêgo farto das hortas, não se descobrem duas casas com duas chaminés eguaes.

O aforismo popular que reduz á miniatura de

quatro palavras a imensidade da dissonancia humana — cada cabeça, cada sentença — encontra ali um simile flagrante: cada casa, cada chaminé. Não ha, na verdade, duas eguaes, embora algumas sejam parecidas. Dá a impressão de que a casa algarvia é apenas um pretexto para a chaminé algarvia.

A fantasia decorativa do construtor encontra sempre um traço, um pormenor que torne esta diferente daquela, e aquella diversa da do visinho. Pôde haver duas ou vinte em forma de minarète ou de agulha gotica; de relógio de xarão ou de calorifero esmaltado; de cilindro ou de losango. Pôde haver vinte ou duzentas a terminarem por cobertura reproduzindo borla doutoral ou um barrêto canonico. O

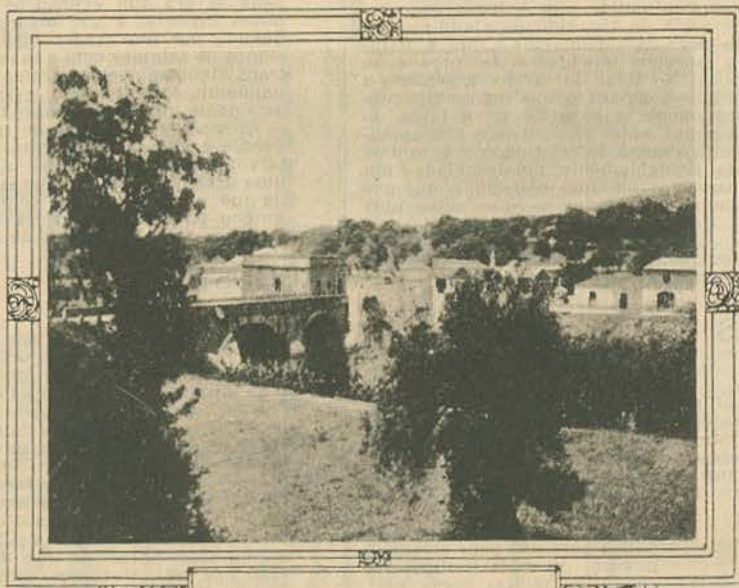
que não deixa de haver em nenhuma delas, por mais irmãs na estrutura geral, é um capricho inédito, uma aderencia imprevista, um enalhe decorativo mantendo a cada uma a individualidade entre as demais — que são muitas, que irrompem dos telhados numa surpreendente floração de linhas e de motivos.

Esse pormenor assentado de caracter na construção algarvia — riqueza do pobre e orgu-

lho do rico — afigura-se-me uma sobrevivencia etnica. Essas linhas fugidias, esses motivos architecturaes são a voz do sangue — a saudade maometana do minarète a palpar, timidamente, no rebuçado do cristão da chaminé.

Descemos para a via larga de Faro. Um campo plano, enrugado de frêsclo pelo arado, com figueiras despidas aqui e alem, é a imagem perfeita d'uma grande teia — que aquelas aranhas, pachorentamente, vão urdindo ao sol.

Um ronco de buzina. Uma curva apertada. Uma rajada de arvores que se afastam. Uma trincheira que desaparece — e, num repente, o hori-



Arredores de Estoy—Colro da Burra.



Paraiso (Chidas de Monchique)



Caminho do Rosal (Estoy)
Carvões de Lyster Franco.

sonte rasga-se á sofreguidão dos meus olhos. E os meus olhos, húmidos de comoção, dilatados de assombro, murmuram como a minha bôca:

— Lindo! Lindo!

A comoção é contagiosa. Irradia, domina o proprio carro, apodera-se do proprio «Fiat» — uma maquina de ferro destinada a devorar o espaço, insensível ás suas belezas, indiferente ás suas fealdades. Porque, o proprio «Fiat» estacou, o coração suspenso, correspondendo á surpresa do meu asombro.

— Jardim da Europa á beira-mar plantado!

O mar lá está, ao longe, amantilhado numa gaze fluida a rasgar-se no céu. Depois, das suas franjas lavadinhas de fresco, parte o jardim — com uma faixa doirada de areia a toda a largura, com estrias de agua luzente, os mil braços da ria, a desdobram-se em multiplos sentidos. E o jardim, na sua verdura festiva de esmeralda, com macissos de ar-

vores e arvores isoladas; com aglomerado de casas e casas dispersas; com canteiros planos e canteiros ondulantes vem por aí fóra, corre o conce lho de Faro, derrama-se pelas hortas de Tavira, alarga-se para as bandas de Albufeira, trepa o anfiteatro da meia encosta, debruça-se da serra do Figo.

Ha muitos povoados dispersos, ha muitos casaes perdidos no recolhimento das herdades. Mas são tão proximos que nuns se deve ouvir o ressonar dos outros, que uns e outros semelham, efectivamente, um povoado só, com os seus tógos separados pelos canteiros, pelos arruamentos, pelos macissos dos seus jardins.

Retomamos a marcha para Faro. A paisagem é agora, toda ela, um poema lirico — trechos de lirismo ligados como eclogas em volume. Vinhetados por outros tipos de mulher, aquele poema lirico, seria uma colmeia de poetas — com um João de Deus, um Candido Guerreiro, um João Lucio, um



FARO
Jardim e vista parcial.

Bernardo de Passos em cada camponez.

Faltamos as camponezas bonitas, activos camponezes algarvios! E será por isso — quem sabe! que vós tão amorosamente vos daes á beleza das vossas coxurelas! O Minho, exuberante de verdura, produziu esse tipo inconfundível de mulher, a

lavadeira, que é, ella só, o indice d'uma região — na côr alacre dos seus tecidos, na graça sadia dos seus risos, na pujança das suas formas, na musica dos seus movimentos. A camponeza algarvia, nascida no seio duma vegetação triumphal, abençoada por uma luz de prodigio, tem o ar tristonho do deserto. Não ri, e fuma. Não canta, e arrasta os pés comprimidos no couro atanado das sapaterras masculinas. Não conhece o garridismo das côres hilariantes, e na cabeça, sobre o lenço escuro,

estendido em ponta, põe a tampa androgina dum chapéu de homem. E em alguns pontos, como em Olhão, usa ainda o seu traço antigo, a capa e o biôco que lhe imprimem a gourenças apparencias de esfinge.

FARO.
Ruas e praças animadas, construções agradáveis, jardins exce-

lentes, lindas mulheres vestindo e pizando com a elegancia dos ultimos figurinos. Industria, commercio, actividade. E até livrarias — ha já ali quem leia, porque os livreiros, que não vendem senão livros, não vivem por certo do cheiro da alfarrôba,

Palmilhada a cidade, n'uma romagem de devoção, despachamos para St.º Antonio do Alto. E não exagero, meus amigos, afirmando-lhes que me senti mais pó do que a poeira, alcandorado no mirante da torre de St.º Antonio. Temos diante dos



FARO
Panorama de Santo Antonio do Alto



FARO
Vista do jardim.

olhos a ampliação do panorama de Santa Barbara de Neche. O mar lá está ainda—agora proximo de nós, e na attitude ameaçadora de quem al- teia o colo para nos engulir. E as hortas, e as ci- dades, e as vilas, a de Faro com as duas torres do Carmo ao centro, a de Olhão como nodoa de leite a alastrar na verdura; a de Albufeira a espreitar a anciedade movediça das vagas; presepio festi vo de

predio mais alto a agulha estilizada da chaminé, me detenho, como á espera de ver surgir o al- bornoz do Muezim, de ouvir anunciar a hora religio- sa de Mahomet. Só ao outro dia, já o sol era uma hos- tia em exposição de Lauserene, regressamos ao pon- to de partida.

S. Braz de Alportel recosta-se á espadua dum dos contrafortes da serra do Figo. A sua moldura explen- de de frescura e de a b u n dancia. As suas hortas são al- fôbres em que os fructos grados sorr- iem de felicidade.

Avançamos estra- da fóra. Arreme- tem-nos de frente duas filas de pitei- ras — lanças de al- gara serracena cor- rendo ao nosso en- contro. Duas pal- meiras recortam ao longe, no céu de es- malte, os penachos imoveis. A' beira dum regato, de bi- co para a agua, uma cegonha decifra se- grêdos ou acerta madrigaes. Révejo o sorriso dos fructos. Creio na felicidade.

Jardim da Euro- pa! Dóce terra das figueiras e das

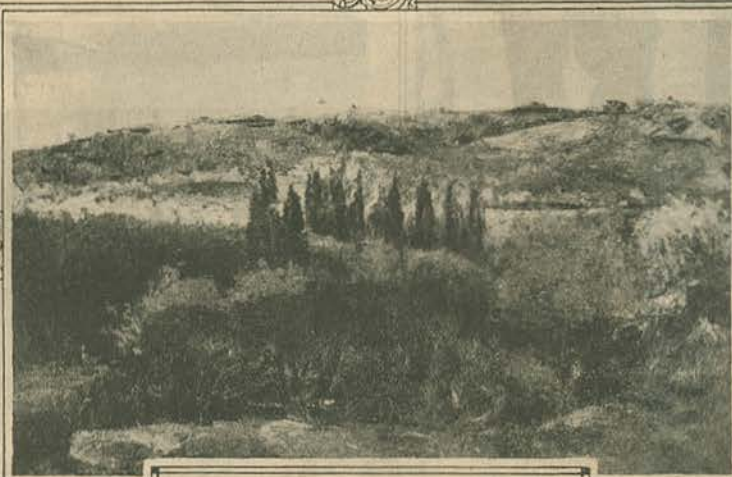


Paisagem algarvia, por Samora Barros

terra santa, for- mam um mosaico que cobre todo o Algarve — que vae da costa á serra do Figo, que vae das areias do mar ás lombas esfuma- das da serra de Monchique.

São quatro ho- ras quando entra- mos em Olhão, palpitando na azafama das suas oitenta fabricas a vapór — as fabri- cas de conserva, de caixas de fôlha e de madeira, de estampagem e de pregaría que explicam os quaren- ta e oito mil con- tos da exportação algarvia no ano guerra de 1917. Mas aquella vila não é nada do

que temos visto até ali — aquella vila é Tanger nos Algarves. Ruas estreitas como fendas. Casas d'u- ma alvura estridente—na fórma regular de cubos. Casas sem telhados—cobertas pelo eirado branco dos terraços. Para a impressão em nada desmere- cer de Tanger encontro a primeira terra suja do paiz da amendoeira — com um fartum depressivo a peixe pôdre. Para a ilusão musulmana ser completa, num povoado que não tem mais dum seculo, são verdadeiros minarêtes as chaminés — a ca- da passo, caminhando atravez das suas ruas es- tranguladas, ao irromper da brancura d'um



Terras do Algarve, por Samora Barros

amendoeiras, das hortas e dos pomiares! Devem ser felizes, como os teus fructos, os que vivem dos teus canteiros, os que lhes colhem a amendoa e co- mem o figo, os que lhes saboreiam a ænoura e ex- portam a laranja—vivendo e colhendo entre a mon- tanha e o mar, seguidos pela benção dos moinhos de vento, a velejar nos cabeços, agasalhados pelo setim dum céu de legenda, com ressaibos de ilumi- nura manuclina. Céu de celeitos— imensa cam- pina de miosotis. E do scio azul dos miosotis derrama-se a quentura dum ninho, a lluz duma apoteose, a suavidade d'um afago.—SOUZA COSTA

VIDA ARTISTICA

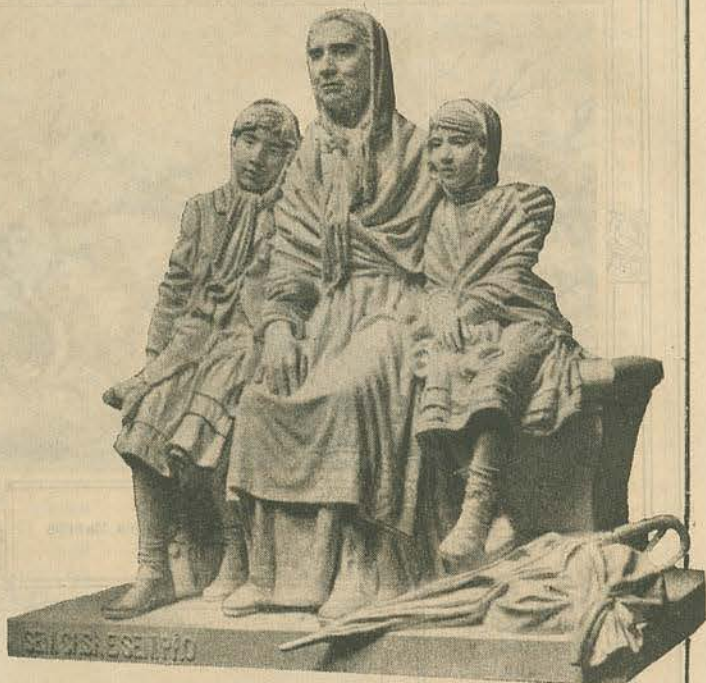
AS EXPOSIÇÕES

de escultura de Moreira Rato
de pintura de Adolfo Benarus



O escultor Moreira Rato

Duas exposições esta semana, uma de escultura, de pintura a outra. A primeira, a do sr. Moreira Rato, patenteia-se no seu «atelier» da rua da Mãe d'Agua e compunha-se, além de outros, de cinco trabalhos novos. «Sem casa e sem pão» e «Noite de inverno» damos hoje aos nossos leitores, que já conhecem outro «A Severa», por o termos já publicado n'um dos passados numeros. Destina-se o «Sem casa e sem pão» ao Museu d'Arte Contemporanea e é trabalho de grandes dimensões. A exposição tem sido muito visitada por artistas e convidados, tendo o escultor destinado dois dias para o publi-



1. Sem casa e sem pão.
2. Noite de inverno.

co. A' inauguração assistiu o sr. presidente da Republica e ministro da Instrução.

Quanto á exposição Benarus inaugurou-se na Sociedade Propaganda de Portugal. Compõe-se de quarenta e quatro trabalhos, na sua maioria natureza morta e flores que o artista trata com



Um aspecto da exposição

verdadeiro e devotado carinho. Benarus é um emotivo, um contemplativo que sente a côr e a natureza com intensidade e que busca nos recursos da sua tecnica a interpretação condigna que quasi sempre consegue. Não ha duvida que é prodigioso na paisagem e nas pequenas telas onde aparecem ou flores ou fructos. Mas não se pode negar que, quando os seus pinceis pou-sam figura na tela, esse trabalho não é tambem digno de todos os louvores.

A exposição tem chamado ao segundo andar do Largo das Duas Igrejas concorrência far-



O pintor Adolfo Benarus

ta. Concorrência farta e merecida que não perdeu o seu tempo indo ver o labor de um trabalhador talentoso e honesto. Como se vê tem ultimamente Lisboa assistido a muitas e sucessivas exposições. Nem todas serão exposições de mestre, arte imortal e suprema, mas o certo é que marcam á vida cidadina um cunho, o preciso cunho de civilização.



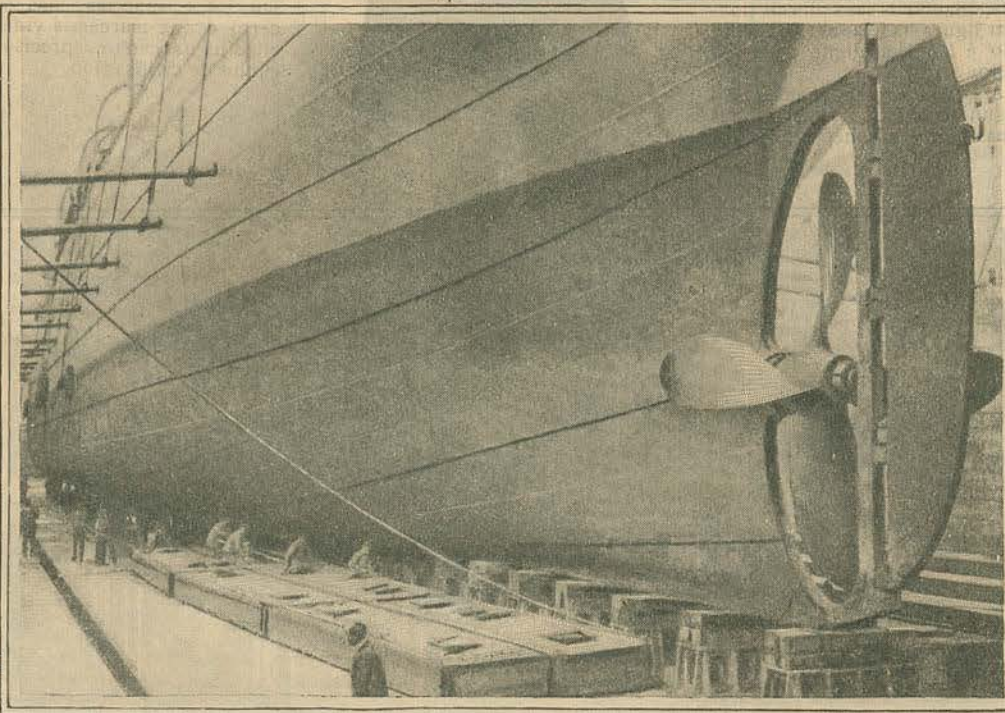
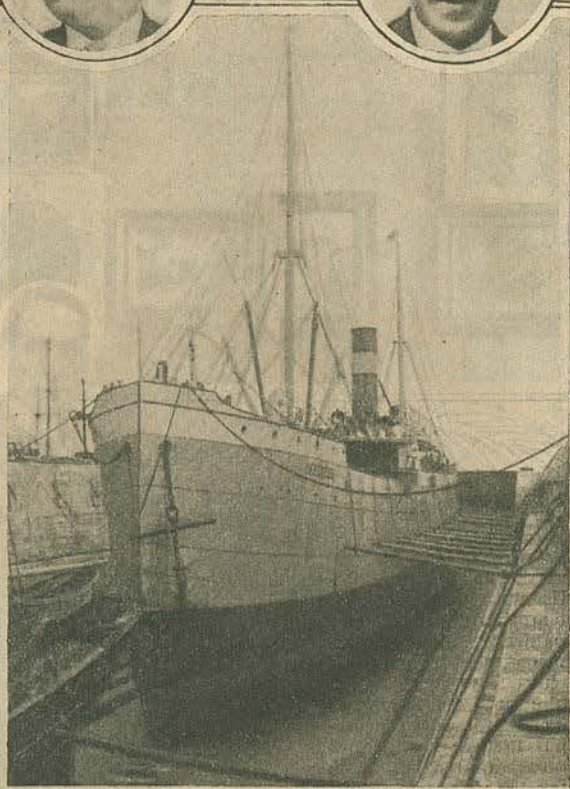
Outro aspecto da exposição Benarus
(Clichés Serra Ribeiro).

Desertas



O engenheiro Antonio Mendes Barata, a quem se deve o plano de salvamento do *Desertas*.

Entrou no Tejo, como dissemos, o esplendido barco alemão que todos reputavam perdido. Entrou no Tejo e entrou na doca, onde os peritos do «Lloyd's» o foram vistoriar, dando-o por bom e pronto. As nossas gravuras mostram o barco em Alcântara e, além do engenheiro Mendes Barata, o capitão Camacho e o maquinista Ernesto Santiago que na odisséia de arrancar o «Desertas» do seu poiso em terra foram incansáveis. D'onde se vê



2. O capitão Alvaro Camacho.—3. O maquinista Ernesto Santiago.—4. O *Desertas* na doca para sofrer a vistoria. (Clichés Serra Ribeiro).

que nem só o que é estrangeiro é tudo. Pelo menos a nossa engenharia contra o voto dos estrangeiros poz de novo o barco a flutuar, resuscitando-o para a Marinha de Portugal.

PAGINA ARTISTICA

XI — Jan Sieberechts — (Escola flamenga. Seculo XVII)



PASSAGEM DE VAU.

Quadro adquirido ultimamente para o Museu Nacional de Arte Antiga pelo legado Valmôr.

PELO TURISMO = O Comité Portugal-França



Ao centro, o sr. ministro da França, tendo á direita os srs. drs. Bettencourt Rodrigues e Magalhães Lima e á esquerda os srs. Anselmo Braamcamp Freire e Henrique Lopes de Mendonça. De pé, os srs. José de Figueiredo, Lisboa de Lima e dr. José de Ataíde
(«Cliché» de Serra Ribeiro)

Publicamos hoje um grupo das individualidades que compõem o «Comité Portugal França», a quando da visita do seu presidente honorário, o ilustre ministro da grande Republica, Mr. William Martin.

Este «Comité» tem por fim a aproximação económica, intelectual e artística dos dois paizes, trabalhando de acordo com outra instituição similar que funciona sob o nome de «Comité France-Portugal» numa das dependencias da Sorbonne e de que foi durante anos presidente o actual chefe de Estado da nação franceza, Mr. Paul Deschanel.

A Junta Executiva do «Comité Portugal-França» é composta dos srs.: Anselmo Braamcamp, presidente; dr. Bettencourt Rodrigues, vice-presidente; dr. Magalhães Lima, secretario geral, e dos vogs, Lisboa de Lima, Henrique Lopes de Mendonça e dr. José d'Ataíde, que figuram na nossa fotografia.

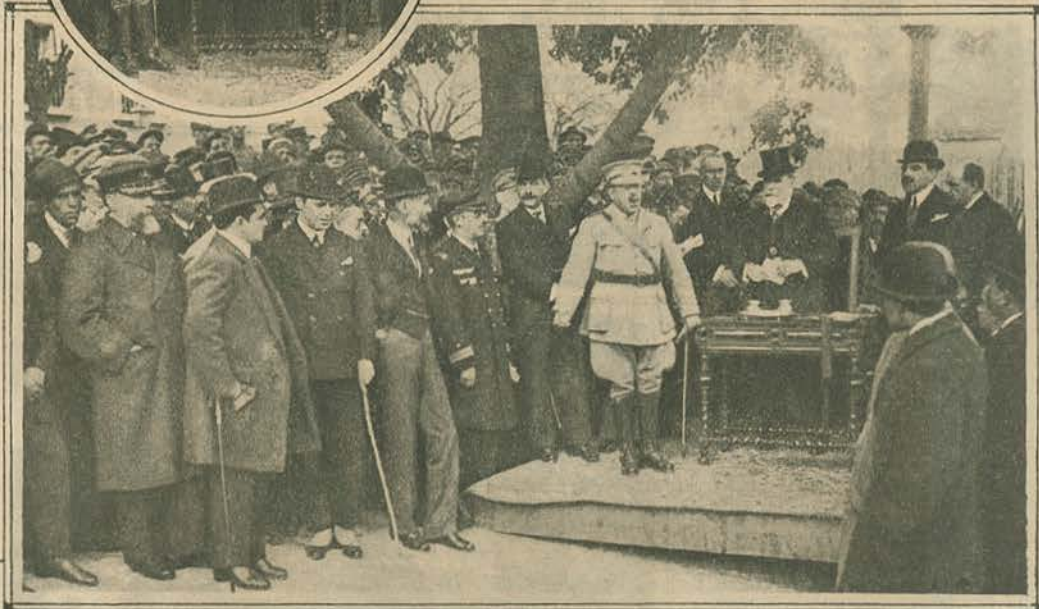
Fazendo tambem parte dela os srs. drs. Alfredo da Cunha, Caeiro da Mata e Julio Dantas que não poderam assistir.



A BATALHA DE 9 DE ABRIL O SEU ANIVERSARIO



No dia 9 de abril, comemorando o aniversario da maior batalha em que em França entraram as nossas tropas, realizou-se solenemente no jardim das Albertas o lançamento da primeira pedra do monumento aos mortos da guerra. Foi uma significativa comemoração em que o sr. Presidente da Republica e do ministerio proferiram palavras cheias de evocação e de justiça. Tambem além da parada no quartel general, de missas e outras manifestações se realizou no Instituto Militar de Reeducação dos Mutilados da Guerra a reentrega desta prestante instituição a Cruzada das Mulheres Portuguezas.



1. O Sr. Presidente da Republica no lançamento da primeira pedra do Monumento aos Mortos da Guerra.
2. O Sr. Presidente lendo o seu discurso. — 3. O sr. coronel Antonio Maria Baptista discursando

Inutil é encarecer os serviços que o Instituto tem prestado aos feridos, muitos dos quaes, sem a sua intervenção, ficariam inutilizados para a vida activa post-militar. Inutil tambem é dizer o quanto de dedicação, de estudo e de boa vontade o dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira ao Instituto dedicou e com ele os drs. Tovar de Lemos e José Pontes. Inutil é dizer porque é uma obra de todos bem conhecida, e que tem merecido os maiores elogios.



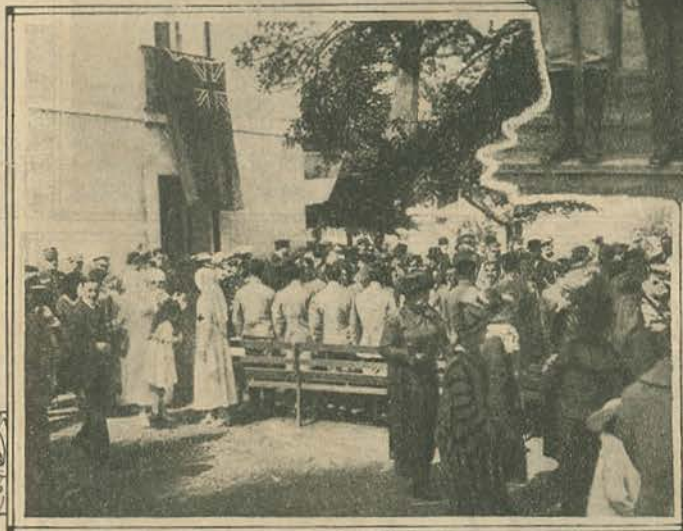
O sr. Presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro da guerra e dr. Tovar de Lemos no Instituto dos Mutlados da Guerra.

com eparam a sua odisséa de trabalhos. Todos porém souberam, sofrendo, lutando ou morrendo, honrar o nome de Portugal, n'essa mesma Flandres onde seculos antes os seus avós tinham tambem combatido.



Um grupo de soldados da grande guerra.

(Clichés Serra Ribeiro).



Aspecto dos lanche aos internados. O sr. Presidente assistindo.

O dia 9 de Abril foi um dia historico e jámais a sua recordação na nossa historia se apagará. Batalhando em pro! do Direito esmagado e da Justiça opressa, nos plainos da Flandres muitos portuguezes viram pela ultima vez o verde-rubro da bandeira da Patria e outros



Atualidades

Semana movimentada a finda por assuntos de varia especie e de toda a ordem. Uma comissão foi a Belem representar ao chefe do Estado para que fosse dado o indulto aos presos politicos, a ferida pela explosão da Rua da Conceição da Gloria, que quando conversava com o alemão Max Rathsmam foi gravemente atingida pelos estilhaços da bomba,



A comissão que foi solicitar o indulto para os presos politicos saindo de Belem



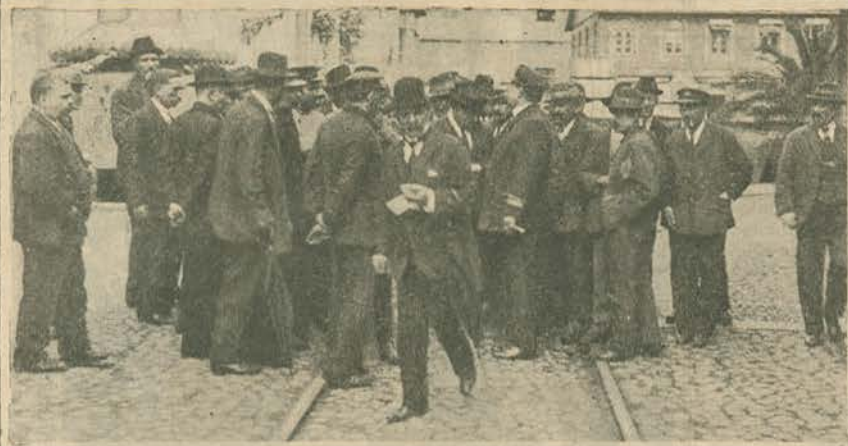
A ferida pela bomba da rua da Conceição da Gloria, no posto da Misericórdia

melhora sensivelmente, e dentro de um tunel na azinhaga da Fonte appareceu um cadaver que se supõe ser o do capitão de fragata reformado Frederico Afonso Nascimento.

Como se isto não bastasse disse-se que os operarios do Arsenal esboçaram uma



1 - O capitão de fragata reformado Frederico Afonso Nascimento, de quem foi encontrado o cadaver no camo de esgoto da estrada de Bemica, Alfaz.obetra, ao fundo da Azinhaga da Fonte, 2 - O sitio onde o morto se encontrava.



param as oficinas, mas como o bom senso ainda não liquidou, liquidou-se o incidente sem algo de maior. E para que os que dizem que dinheiro não falta terem a justi-

A porta do Arsenal

ma nifestação de protesto e tentaram fazer a greve dos braços caídos, isto é, compareciam mas não trabalhavam. Logo forças ocu-



A Guarda Republicana impedindo os grévistas de entrar e dispersando-os

ficação d'isso, inaugurou-se a época tauromaquica estando a praça cheia e a função muito animada. Como se vê foi sem dúvida uma semana em cheio, capaz de satisfazer os mais exigentes.



(Clichés Serra Ribetrol)

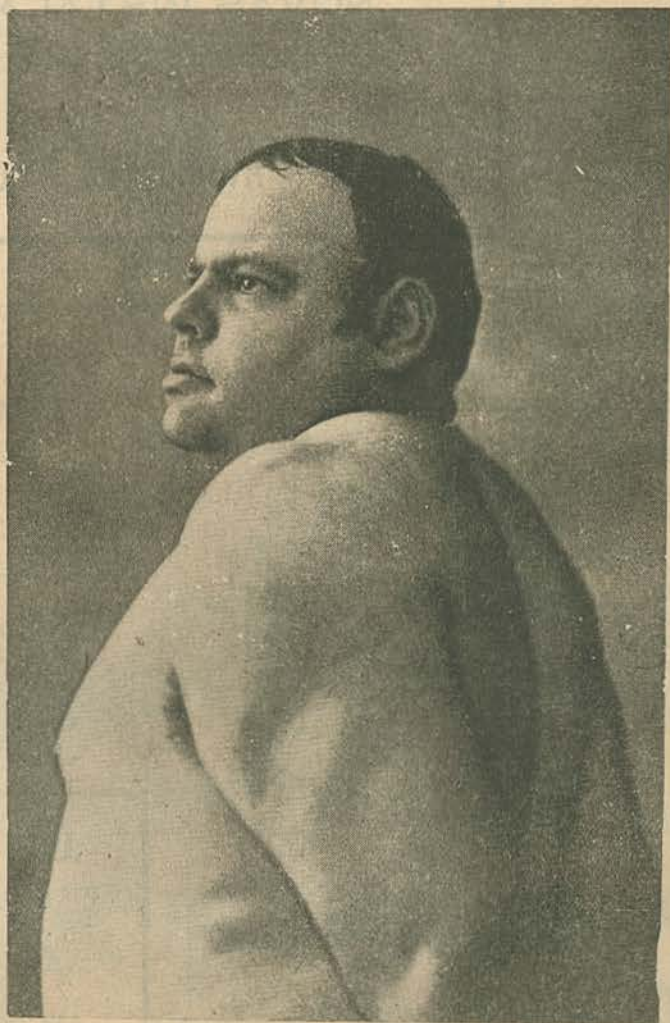


Grande Licôr ROMANINI

RIVAL DO BENEDICTINE

Composto com plantas e mel, verdadeiramente inofensivo,
é o mais digestivo.

Este licôr recompõe os órgãos respiratorios. Confirmado por medicos portugueses e estrangeiros. Todos os artistas que tem amôr á sua garganta e todos os «sportsmen» que presam os seus musculos devem beber ROMANINI.



O TENOR ROMÃO GONÇALVES

Deposito geral: **JERONIMO MARTINS & FILHOS**

EM LISBOA E EM TODAS AS SUAS SUCURSAIS, NAS PRINCIPAIS TERRAS DA PROVINCIA E ILHAS

Escritorio: — T. DO CARMO, 11, 2.º

O tenor Romão Gonçalves parte brevemente em «tournée» para as principais cidades portuguesas e em seguida para as principais cidades da Europa e Americas acompanhado por elementos estrangeiros que fizeram parte o ano passado da sua «tournée» pelo estrangeiro coroados dos maiores triunfos.

Troupe Romanini

Menstruação

Com as menstruais reg.¹

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tónica e reconstituinte seja qual for o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com instruções 500 e correio 500. Lab. e Depósito: V. Ferrão, L. da Saúde, 14. — Quintans, R. da Prata, 194. — Azevedos, Rocio, 31. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.

Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American College of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S. Francisco de Sales, 41, ás Amoreiras.

ALFAIATARIA



José da Fonseca & Filhos, Sucessores

NOVAS INSTALAÇÕES

NA

Avenida da Liberdade, 39, 1.º

Lêr na proxima quarta-feira o SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SECULO) — Preço: 4 centavos

P-2600—4 in. x 6 in.—J. R. Kay Co.

Justamente como Se Tudo fosse Novo

Qualquer dona de casa pode facilmente conservar o seu lar limpo e brilhante dando um pouco de atenção aos seus moveis, obra de madeira, soalhos e encerados. Tudo o que precisa é uma applicação occasional da Cera Preparada de Johnson. Esta limpa, pole e protege o acabamento, augmentando a sua belleza e duração.

A Cera Preparada de Johnson communica um polimento duro, secco, semelhante ao do vidro, de grande belleza e duração. Cobre todas as manchas e as pequenas arranhaduras da superficie—preserva o verniz e evita as rachaduras.

CERA PREPARADA DE JOHNSON

Liquida e em Pasta

A Cera Preparada de Johnson não contem oleo, e, em consequencia, não recolhe nem apanha o pó e nunca se torna suave ou pegadiva no tempo mais caloroso ou por causa do calor do corpo. Remove prompta e permanentemente essa apparencia azulada e como nuve do vosso piano e dos vossos moveis de acaju.

A Cera Preparada de Johnson é feita em forma liquida como tambem em pasta. Usai a pasta para todos os soalhos—madeira, marmore, azulejo, encerado, etc. Aconselhamos que se use o liquido para polir os moveis, obras de madeira, artigos de couro, etc.

Polimento á Prova de Pó par Automoveis

Os proprietarios de automoveis acharão que a Cera Liquida de Johnson é o polimento mais satisfactorio para seus carros. Os detende contra a agua e o pó e faz com que uma "lavagem" dure por tempo dobrado. Protege e preserva o verniz. Escreva-se pedindo o nosso livrinho sobre a maneira de "Conservar o Vosso Carro Novo" é gratis.

S. C. JOHNSON & SON
Racine, Wisconsin, E. U. A.



Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

peços ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a Matrimonial Club of New-York, Porto.

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.

Francquear cartas para resposta segura



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 30
Sao Chiado - Tel. 3270

M. ME Tula

Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Esclarece todos os assumptos. Cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbacoes domesticas entre casados ou zangas entre namorados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao fim desejado e a Felicidade. Consultas das 15 ás 20 horas a 2500, 5000 e 10000. Enviar 20) para resposta de carta

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Director — AGACIO DE PAIVA

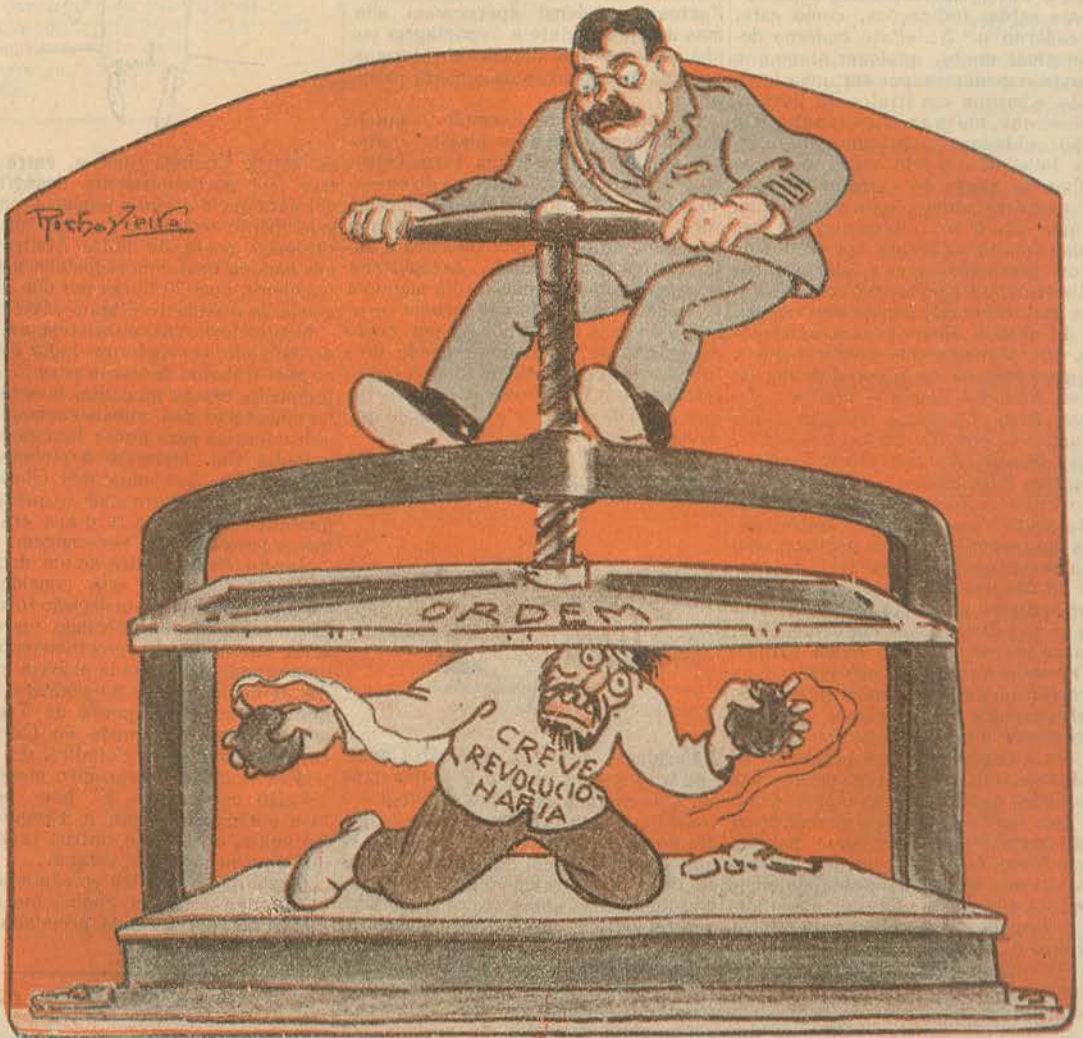
Propriedade de J. DASILVA GRACA, Limit.ª



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa



APERTANDO



O diabo é se ela «estoura»...



PALESTRA AMENA

Livros infantís

Já aqui tratámos, com a competência que todos nos reconhecem e que nunca é de mais apregoar, porquanto ninguém com mais conhecimento de causa pode gabar a noíva do que o pai que a viu crescer, já aqui tratámos, dizíamos, de livros adoptados nas escolas primarias officiais ou particulares, para guiar as crianças nos seus primeiros passos. Hoje, um sobrinheiro nosso, de 7 anos, appareceu-nos com uns poucos de cadernos de baixo do braço, todo satisfeito, porque ia, finalmente, aprender a «fazer letra bonita», no dizer do professor que os mandára comprar.

Eram sete, os cadernos, para cursivo, cursivinho, bastardinho, etc., e em todos o autor, na respectiva capa, escreveu sabias indicações, como esta, no caderno n.º 5: «Este caderno deve praticar muito, qualquer aluno que vá para o commercio por ser uma letra muito admitida em titulos de livros.»

Vê-se que, em gramatica, o autor não é tão cuidadoso como em caligrafia, mas folheando o dito caderno é que melhor se avalia do cuidado que teve em preparar alunos para o commercio, porque não é só a letra que ele lhes ensina «muito admitida em titulos de livros» mas incute-lhes conhecimentos utilísimos, obrigando-os a copiar palavras que, reunidas, constituem conceitos de grande alcance para as crianças. Eis algumas das palavras que o pequeno tem de escrever dezenas de vezes, além dos numeros digitos: *Alberto Braz Carlos — Damião Elias Fausto — Gomes Haro Isaac José — Kiel Lapa Moura — Norton Oliva Paulo — Quintino Reis Sousa — Torreão Ursino Victor — Xisto Yang Zagalo*, etc. Este Xisto Yang Zagalo e outros nomes apparecem em varias paginas, com uma persistencia que nos feria desconfiar da imaginação do caligrafo, se não representasse o desejo de que os alunos se não distraíssem em divagações, sempre prejudiciaes em quem estuda.

Dir-se-ha que esses cadernos podiam encerrar em cursivo, bastardinho, etc., conhecimentos rudimentares que alimentassem a curiosidade dos pequerruchos, que provocassem perguntas ao professor, etc., mas, por muito bem escolhidas que fossem as frases, é claro que nunca chegariam a interessar tanto quem as copiasse como aqueles Xisto Yang, acerca de quem o dito sobrinheiro nos interrogou, obtendo como resposta que não se fizesse abelhudo.

Depois de escritas estas linhas abrimos o caderno n.º 6 e reconhecemos que não tivemos inteiramente razão nas observações que aí ficam. Este caderno é composto de proverbios ou anexins, alguns dos quais, na verdade, muito convem que as crianças fixem: abre com o *Quem o alheio veste na praça o despe e fecha com o Gato escaldado d'agua fria tem medo*.

Já aqui não está quem falou.—J. N.

Ora... botas!

Causou enorme sensação e intensissima alegria a nova de que o Porto iria enviar-nos 50:000 pares de botas ao preço de oito escudos cada par e causou, em seguida, tristeza não menor a noticia de que as referidas botas... são de lona.

Agora anunciam-se fatos a vinte escudos, mas para cá não pegam: se calhar são de papel mata-borrão!

Factos diversos

Respigámos o noticiario dos últimos dias, para ver se tínhamos alguma coisa a censurar, isto que é esse um dos lados sympathicos da nossa missão, mas reconhecemos que a semana decorreu amena, sem razão para sobresaltos. Factos a condenar appareceram, sim, mas no dia seguinte a reportagem punha as coisas nos seus devidos termos, de onde a sem-razão da censura precipitada.

Lembra-nos, por exemplo, d'aquelle caso do sóro para a meningite, entre que por um medico a um farmacutico e vendido por este, depois de passado o praso da actividade do mesmo sóro, com o cuidado de se colar um papelinho ao rotulo que indicava a data relativa á actividade, Arrepiaram-se-nos os cabelos—mas no dia seguinte lá vinha a explicação nos jornais: o liquido de cada tubo tinha 50 por cento de actividade, logo empregando dois tubos a injeccão seria de todo o ponto eficaz; não o foi apenas porque se esqueceram de prevenir o medico de que devia duplicar a dose.

Belo. Agora outra coisa que nos poz de cabelos em pé: uma mulhersinha de



Aldegalega, a sr.^a Conceição Canas, que pelo que se vê, não é d'uma cana só, quiz exercer estranhos sortilégios a conselho d'uma bruxa e para isso pediu ao coveiro da vila que lhe cedesse uma caveira. Afinal de contas, segun-se lia no dia seguida «o coveiro entregou-lhe apenas uma caveira quebrada, que foi buscar ao deposito das ossadas.»

Cessa todo o horror, desde que a caveira não era completa e que estava n'um deposito de ossadas, em vez de estar n'um deposito de cereais, por exemplo.

O que será bom, de futuro, é não dar as primeiras noticias com feito alarmante. E se se dessem as segundas antes das primeiras?

A arvore nacional

Em verso é devidamente cantado, n'outro lugar d'este luminoso semanario, o pinheiro da quinta da Tremoa, mas algumas palavras de prosa também não lhe ficam mal.

Em vista dos bons serviços prestados pela referida arvore, lembrou-se, primeiro, o governo de a condecorar com a ordem de S. Thiago, que está ultimamente muito em moda, mas como alguns dos agraciados se mostrassem susceptibilizados pela companhia



(a actriz Lucinda Simões, entre outros, foi particularmente desagradavel para quem assim a punha a par de semelhante aventesma) a idéa foi sem tardança posta de lado. Alvitrou-se em seguida uma comissõesinha no estrangeiro, com 20 libras por dia—mas como, se o pinheiro é inamovível?

O ministerio das subsistencias, onde lhe podia ser dado um lugar rendoso sem trabalho de maior para o contemplado, estava na conta; mas já não ha ministerio das subsistencias, nem subsistencias para novos funcionarios.

Podia, sim, meter-se o pinheiro da Tremoa na Academia das Ciencias, onde não faria figura peor do que outro qualquer socio, mas a graça era pequena para tão alta personagem.

Surgiu, então, a idéa de um decreto determinando que seja considerado «arvore nacional». Esta decisão foi a que prevaleceu, não encontrando opposição séria em ninguém: efectivamente, só uma grande má vontade poderia duvidar da nacionalidade do pinheiro, pois que pertencendo a quinta da Tremoa ao concelho de Miranda do Corvo e este ao districto de Coimbra, de tudo podem alcançar o supradito menos de cidadão estrangeiro. E' bem nosso, bem português, como a Preguiça, a Zazagata, o Paleio e outros productos que aqui pegaram de estaca...

Oxalá que a politica se não meta no caso e não o deitem abaixo mais dia menos dia, por ter sido premiado pelo Baptistinha.

AS JOIAS DA GABY

Avalliam-se as joias da celebre Gaby, ha dias inventariadas, em cinco e meio milhões de francos. Sabendo-se o modo como as ganhou, muito devia ter trabalhado a pobre menina!



Com as mãos na massa

Aí vai uma pequena historietta para meninos.

O Bibi, garotão dos seus doze anos, era insuportavel e por mais que os pais o repreendessem não tinha emenda nenhuma. Ha dias, estando o pai, o Lopes, a engraxar as proprias botas—o pai do Bibi é pobre—de que se ha de lembrar o petulante? De ir buscar os sapatos novos e de dizer ao auctor dos seus dias:

—O' pai! já que está com as mãos na massa, engraxe tambem os meus sapatos.

O homem obedeceu, calado. D'aí a dias, como o irmão do Bibi, o Zeca, tivesse feito uma diabrura, o pai agarrou n'uma chibata e foi-lhe aos fungões. Ora n'essa occasião o Bibi ia a passar...

—E' verdade, disse o Lopes, já que estou com a mão na massa, anda cá.

E puxando-o pelo bibe, deu no patife como em centeio verde.

E' para que saibam os meninos mal educados.

Novo almanaque de Gotha

Os jornais dão noticia do aparecimento da ultima edição do almanaque de Gotha e falam em curiosas modificações que n'ele se notam, em virtude das vicissitudes por que teem passado as familias reais. O que eles não dizem, porém — não sabemos por quê — é que a futura edição trará alterações ainda mais radicais, as quais começarão pelo proprio titulo, que será, em vez de *Almanaque de Gotha*, *Almanaque de bota*

Os seus organisadores estão reco-

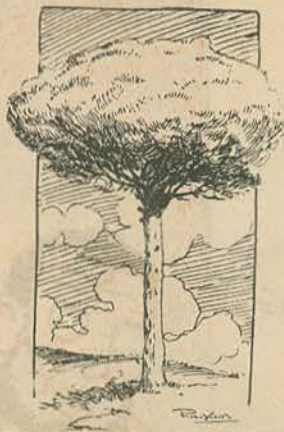


lhendo os dados necessarios, para o registo das modernas aristocracias. Alguns genealogias, ao acaso: Zé Chumeco Tacão Sola Biqueira Contra-forte, filho de Manel Tripeça Tirapé Coiro da Russia, neto de Joaquim Atanado Vaqueta; Antoino Trolha Cal e Areia da Brocha, filho de João Parede Reboco Ripa Adobo Argamassa, neto de Jerolmo Tijolo Caco Telha; Zefa Sabão Cloreto Barrela, filha de Braz Espuma Navalha Escama Rapa Queixos, neto de Francisco Vassoura Lixo Carroça, escrivão da Pena Grande, etc., etc.

— E' a aristocrácia do trabalho, diz-

EM FOCO

O pinheiro da quinta da Tremoa



*Ei-lo, de copa farta, ao longe erecto,
De base que um gigante não abraça,
O mais velho, talvez, da sua raça,
Agora feito heroi por um decreto.*

*Mas não pare (!) o governo circumspecto,
Não limite ao pinheiro a sua graça;
Já que está com as mãos, emfim, na massa,
Leve ainda mais longe o seu affecto.*

*Não haverá beleza de hortaliça
Crédora d'essas mesmas regalias,
Que deva ser tambem agraciada?*

*Se o governo quizer fazer justiça
Verá que ha muito par de melancias
Que merece a gran-cruz da Torre e Espadal*

BELMIRO.

(!) Do verbo parar. Não haja confusões.

nos aqui ao lado um colega, em ar de censura.

Pois é claro que é e, como tal, respeitabilissima, enquanto os Chumecos, Vaquetas, Brochas, Argamassas, Telhas, Barrelas, Rapa Queixos e Carroças se não julga-se superiores aos Saxe-Coburgo Gotha, etc. e tal.

Uma falha

Um jornal francês publica a seguinte tabela dos preços da *claque* n'um teatro de Paris, no principio do seculo passado:

Aplausos á entrada d'um actor — 25 francos;

d'uma actriz — 15 francos;
pedidos de *bis* — 15 francos. Entusiasmo excepcional — preços convencionais.

Em Lisboa tudo isto é mais barato, mas ha uma coisa que não figura na tabela parisiense e que custa aqui um dinheirão: a pateada n'um teatro rival. Na pouca vergonha estamos muito mais adeantados do que os francêses.

No estrangeiro

Não é o *Seculo Comico* a unica publicação periodica engraçada, em lingua portugueza; temos á vista o nosso illustre colega do Rio de Janeiro, *D. Quixote*, do qual, com a devida venia, transcrevemos as seguintes *plaudas*.

«De regresso para Lisboa embarcaram-hadias os conhecidos pintores portuguezes Carlos e João dos Reis, que aqui vieram buscar numerosas pessoas de familia.

«Com os dois illustres viajantes seguiram para Portugal muitos mil *Reis*, nascidos e criados no Brazil.

«Na matriz da Gloria entram mr. e

mad. me Corrêa Baptista, para baptisar uma filha.

—O nome? indaga monsenhor Gonzaga.

—Ana, respondem os pais.

E assim foi baptisada no Rio a primeira anabaptista...

«Pensamento pro-fundo:

O sol é um ankylostomo de fogo
Perfurando o intestino do infinito!

Ricardo Pangloss

Interrogado ha pouco por um reporter, o sr. ministro da Agricultura, dr. João Ricardo, sobre o estado financeiro do paiz, respondeu que não podia ser mais desafogado...

Dias depois outro reporter quiz saber a impressão de sua ex.^a acerca do novo regimen do pão e o dito dr. Pangloss declarou:

—O pão de segunda qualidade tem agradado... E' saboroso e tem bom



aspecto... Ha sitios onde é de melhor fabrico e outros onde se nota menos cuidado, mas isso sempre houve... Quanto ao peso tem sido mais ou menos respeitado...

Informa-nos pessoa competente que este sr. doutor nasceu no Alemtejo, mas que em pequenino foi viver para a lua, onde o foram agora buscar para tomar conta da pasta da agricultura.

O indulto



Formula habitual de agradecimentos.